



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
CURSO DE LICENCIATURA PLEA EM LETRAS**

JÉSSICA RAYANE FERREIRA LOPES

**AS DUAS FACES DO AMOR PRESENTES NA PERSONAGEM LUISA EM “O
PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIROZ**

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

JÉSSICA RAYANE FERREIRA LOPES

**AS DUAS FACES DO AMOR PRESENTES NA PERSONAGEM LUISA EM “O
PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIROZ**

Artigo apresentado ao departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como uns dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:

Profa. M. Sc: Doralice de Freitas Fernandes

CATOLÉ DO ROCHA

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L864d Lopes, Jéssica Rayane Ferreira
As duas faces do amor presentes na personagem Luísa em "O primo Basílio" de Eça de Queiroz [manuscrito] : / Jessica Rayane Ferreira Lopes. - 2014.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes,
Departamento de Letras e Humanidades".

1.Faces de amor. 2. Sentimento, 3. Luísa I. Título.

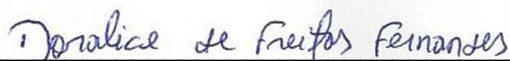
21. ed. CDD P869.3

JÉSSICA RAYANE FERREIRA LOPES

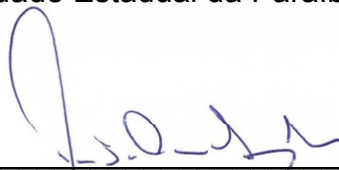
AS DUAS FACES DO AMOR PRESENTES NA PERSONAGEM LUISA EM “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIROZ

Aprovada em: 24/11/2014.

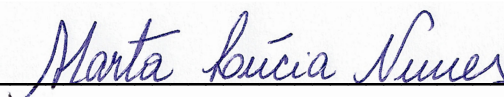
BANCA EXAMINADORA



Profa.Ma.Doralice de Freitas Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rômulo Cezar de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa.Ma.Marta Lucia Nunes
Universidade Estadual da Paraíba da Paraíba (UEPB)

A minha família, por acreditar na
realização do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado me guiando para o melhor, permitindo mais uma batalha vencida.

À professora Doralice, pela dedicação de ter me orientado e contribuído para a realização do meu sonho da melhor forma possível.

À minha família pelo incentivo, aos meus pais Severino Jones e Maria, aos meus irmãos Raízilla e Everton, ao meu filho João Ulysses e ao meu marido Ulysses, por acreditarem em mim.

A todos os meus amigos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho, em especial a minha amiga Sidnay por ter me presenteado com a obra analisada, por ter sido uma das pessoas fundamentais para a realização desse trabalho e por ter feito eu perceber que não podemos fraquejar quando acreditamos.

A todos os professores que foram fundamentais nessa jornada, deixando um pouco de seus conhecimentos plantados na realização de um sonho.

A vocês, Dalteir, Jamile, Nayanne e Raízilla, pois passamos todo esse tempo dividindo alegrias, medos, incertezas, e sempre estivemos juntos acreditando no nosso sonho, obrigada por essa convivência maravilhosa que conseguimos estabelecer durante essa jornada.

“O amor não se comanda, pois é o amor
que comanda.”

André Conte-Sponville.

AS DUAS FACES DO AMOR, PRESENTES NA PERSONAGEM LUISA EM “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIROZ.

LOPES, Jéssica Rayane Ferreira *

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a personagem Luisa da obra *O primo Basílio* de Eça de Queiroz, considerando que o sentimento da personagem apresenta diferentes características amorosas no decorrer do enredo. A partir dos acontecimentos revelados no romance, buscamos descobrir quais os tipos de amor que um indivíduo pode expressar por outro. Sabendo que o sentimento da personagem torna-se dividido, procuramos desvendar, analisando e relacionando as diferentes manifestações amorosas encontradas nos seres humanos, buscando assim, comprovar as faces do amor representadas na personagem Luisa para chegar a esse objetivo, utilizamos como aporte teórico os autores Rougemon (2003), Incontri (2008), Queiroz (1998) dentre outros que contribuíram para a caracterização e realização desse trabalho. Logo, a partir dessas bases teóricas evidenciamos os diferentes tipos de amor apresentado na personagem em questão.

Palavras – chave: Faces de amor; Sentimento; Luisa.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo analisar a obra de Eça de Queiroz “O primo Basílio”, procurando mostrar as diferentes faces de amor, presentes na personagem Luisa. Partimos da ideia de que o amor é um sentimento vinculado à aproximação entre indivíduos que pode gerar diferentes manifestações, as quais, abordaremos no decorrer da análise.

O presente artigo está dividido em partes que contemplam: O contexto histórico do realismo em Portugal no Século XIX, mostrando que a obra em análise faz parte do movimento realista. Abordaremos como era vista a figura feminina em Portugal no século XIX. Contemplamos ainda alguns pensamentos sobre o amor, para que possamos conhecer os dois tipos de manifestações amorosas presentes

* Aluna de graduação em letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV
Email: Jessica_lopesp@hotmail.com

na personagem, e por fim faremos a análise abordando as faces de amor que a personagem Luísa demonstra pelos dois amores em questão: O marido e o amante.

Nesse sentido, direcionamos o nosso olhar, com o objetivo de analisar de que forma, o amor da personagem por seu marido Jorge é manifestado no decorrer do enredo, fazendo a relação com as manifestações apresentadas do seu sentimento por seu amante, Basílio. Comprovando as duas faces do amor presentes na personagem.

2 O REALISMO EM PORTUGAL DURANTE O SÉCULO XIX

O Realismo foi um movimento que rompeu com o modelo romântico que tinha como principal característica o modelo subjetivo do “eu”, o egocentrismo. O Romantismo iniciado em meados do século XVIII e tendo como marco final meados do século XIX, mais precisamente nos anos de 1865, sendo sucedido pelo Realismo que iniciou uma abordagem temática.

O movimento romântico tinha como valorização o sentimentalismo, dando ênfase ao amor como uma das principais temáticas e abordagens. Como afirmam os autores Candido e Castello (1996, p.158):

“[...] O romântico exprime a insatisfação do mundo contemporâneo. [...] Da grande ênfase a vida sentimental, tornando-se intimista e egocêntrico. Enquanto o coração é a medida mais exata da sua existência”.

Dessa forma, podemos dizer que o Romantismo tem como marco temático a valorização do “eu”, do sentimento, da carência, para apresentar dentro das suas temáticas as manifestações de sentimentos, tendo as nuances do amor como prioridade. No entanto, o movimento romântico veio a ser substituído pelo o movimento realista. Portugal passava por diversas crises no momento que o Realismo chega no país. Mas a partir deste momento Portugal iria ser palco de grandes transformações, iniciando um novo ciclo de ideologias. O Realismo teve como marco os jovens escritores de Coimbra, que traziam com eles um novo olhar e um novo modelo de pensamento para a sociedade.

O Realismo iniciou-se na França e na Inglaterra logo depois do fim do Romantismo, na metade do século XIX. Chegando a Portugal no mesmo ano 1865, estendendo-se até 1890, contrapondo-se a subjetividade e ao lirismo do romantismo

apresentando características próximas ao cotidiano social, de maneira objetiva e crítica, formando assim uma nova perspectiva literária no contexto social. Como aborda LEDO (2001,P.66);

“Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade. O realismo, portanto, é o reflexo da desilusão do homem frente a sociedade.”

Nesse sentido, o realismo busca analisar e mostrar crítica a sociedade por meio da literatura evidenciando os problemas que a sociedade pode enfrentar a partir das causas socioeconômicas, políticas e culturais, desenvolvidas no decorrer de uma época. O movimento Realista marca a metade do século XIX, tendo como principal aspecto a superação do mercantilismo, como consequência a civilização industrial, deixando claro que esse fato abrangeu tanto a mentalidade, quanto a estrutura física da sociedade portuguesa. Como afirma LEDO (2001, P.67):

“A ideologia do Realismo é: a crítica ao tradicionalismo da sociedade burguesa provida da educação romântica (distante da realidade); [...]preocupação com a reforma da sociedade com o objetivo de democratizar o poder político;”

Podemos dizer que, a sociedade europeia estaria passando por uma grande transformação, tendo como uma dessas, a mentalidade de um povo que estaria substituindo o subjetivismo pelo objetivismo, procurando mostrar o que se passava no cotidiano, dando início ao Realismo. Mas é preciso enfatizar que, o Realismo em Portugal surgiu a partir de um marco na história da literatura portuguesa, que foi a “Questão Coimbrã”. Como aborda Moisés (2013.p.159.). “Com a Questão Coimbrã estava definida a crise da cultura que introduz o realismo e Portugal.” Questão essa, que origina o início da geração realista, a qual, procura outras formas de mostrar a realidade de como vêem o mundo.

Dessa forma, de acordo com Zeni; Furlan(2009,p.125):

A questão Coimbrã indicou, que embora o espírito romântico ainda fosse forte e muito presente, os escritores portugueses já buscavam novas possibilidades de abordar a realidade do país e questionavam as suas próprias maneiras de ver o mundo.

Segundo os autores, a “Questão Coimbrã”, seria uma nova forma de mentalidade dos jovens de Coimbra, que chegava a Portugal com o intuito de fazer surgir novas ideias, observando o que se passa dentro de uma sociedade. O período do realismo, também chamada de “geração realista”, ou até mesmo de “geração Coimbrã” ou “geração 1870”.

No momento em que o marco inicial do realismo em Portugal estava armado, isto é, a principal polêmica que registra o movimento realista, também estava acontecendo outro fato muito importante para a história literária portuguesa, acontecia então, a derrota de Castillo, que era mestre de letras de muitos escritores portugueses, essa derrota seria o fim do “Romantismo”. Com isso, a vitória era dos jovens de Coimbra, que também eram escritores, como afirma Moisés(2003,p.159):“A vitória sorrir aos moços, [...]. A derrota de Castillo, significava apenas o golpe da morte do romantismo”.

Segundo Moisés(2003, p.160): “Dois anos depois da vitória dos jovens que eram contra Castillo, ou seja, opostos ao romantismo, em 1768 reúnem-se em Lisboa no grupo do cenáculo”. E então, a partir de 1871 as pessoas que faziam parte do cenáculo, discutem e chegam à conclusão de realizar conferências públicas. Visto que, em 1871, Portugal encontrava-se em momento de decadência na literatura portuguesa, no entanto, a partir dessas conferências, Portugal inicia um projeto que buscava o destaque da sua cultura. Segundo Moisés (2003, p.161), vem a dizer que a “terceira conferência realizada em 5 de junho do mesmo ano, com o intuito de evoluir e destacar a literatura portuguesa, fica afirmado através do orador da reunião, que a literatura portuguesa estava em decadência, pois a mesma não demonstrava mais a originalidade pelo gosto e pela poesia.”

Conforme essa afirmação entende-se que a cultura de Portugal, estava em grande declínio, pois o Romantismo estava estagnado. Contudo, o Realismo atinge um grande momento em Portugal. Segundo Moisés (2003, p.162):

Entre 1871 e 1887, essa esplendida geração- a única que o rigor merece o título dentro da literatura portuguesa – atinge o apogeu de suas realizações. [...]. Nesses anos, ainda embalados pelo êxito recente e pelo ardor próprio da juventude, identificado por ardente fúria[...].

Nesse sentido, percebe-se que o realismo conseguiu atingir uma mudança na literatura portuguesa durante alguns anos. Destacando também os aspectos históricos sociais que antecederam o momento, para que pudesse introduzir-se com o sentimento que os realistas tinham em favor do que acontecia no momento histórico do país.

No entanto, os anos antecedentes foram historiados com muitos momentos de crises, nos quais, Portugal passava por grandes transformações monárquicas. Mas é preciso ressaltar que Portugal não enfrentava uma crise monárquica, como

também nos anos de 1840 a 1850, houve uma forte regeneração durante 1851 a 1868, que tentou modernizar o país preconizando a chegada da revolução industrial.

Durante esse processo de transformação, que Portugal estava passando, havia consequências de muitos problemas acumulados incluindo não só o setor da industrialização, mas também o processo de mudança que a família real estaria buscando, como diz (GARMES; Siqueira), apud ZENI; FURLAN(2009, p.153).

Portugal encontra-se um tanto a margem desse processo, já que a industrialização ali tinha sido prejudicada na primeira metade do século XIX pelas invasões napoleônicas, pela consequência fuga da família real para o Brasil em 1808 e pela guerra civil gerada no processo sucessório com a morte de D. João VI em 1826[...]. A sociedade portuguesa em meados do século XIX esta em todas as suas instancias fragilmente atinada com o processo crescente de internacionalização das relações econômicas e culturais.

Dessa forma, Portugal passava por inúmeras conturbações sociais em meados do século XIX. Então é nesse contexto, que nasce e prospera o movimento realista, atuando na ascensão da pequena burguesia, e na representação literária do cotidiano da sociedade da época.

3 A MULHER NO CONTEXTO SOCIAL DO SÉCULO XIX EM PORTUGAL

Em meados do século XIX a mulher portuguesa era representada de acordo com que a sociedade a via, isto é, cumpria um papel imposto pela sociedade. O papel da mulher no século XIX era marcado pela submissão as ideologias patriarcais vigentes, enfrentava preconceitos, cumpria deveres impostos pela sociedade, a representação feminina na década de 1870, resumia apenas em deveres, sendo esquecidos os direitos femininos.

A figura feminina nos anos de 1870 sofria preconceito, pois era vista dentro da sociedade burguesa como secundária, dependente do homem. Era educada dentro dos princípios burgueses, os quais eram se preparar para uma vida conjugal de senhora submissa ao homem, tendo como dever cuidar dos afazeres domésticos como uma boa senhora, cuidar dos filhos e viver de forma totalmente dependente, pois a mulher não era aceita trabalhando fora de sua residência, isto é, era incapaz de ser responsável pelo seu próprio sustento, sendo dependente do seu marido ou pai.

Dessa forma, pode-se dizer que a mulher portuguesa do século XIX, era subalterna ao homem, confirmando assim o poder do homem sobre a mulher. Como afirma Vaquinhas (2002, p.209).

O não reconhecimento destas como juridicamente autônomas, só existindo enquanto elementos de um agregado familiar, ou seja, como esposa, mãe ou filha sem direitos políticos e estatuto econômico próprio, excluí-as dos poderes formalmente constituídos. Com reflexos ao nível dos registos primários. Para as instituições oficiais as mulheres praticamente não existiam e essa invisibilidade traduzia-se na opacidade das fontes.

Nessa perspectiva, as mulheres não tinham direitos políticos e autônomos, só passariam a ter direitos a partir do momento em que fossem agregadas a família, ou seja, a mulher do século XIX era totalmente dependente do homem para qualquer que fosse os motivos. Representadas como a incapacidade de sobrevivência a partir do momento em que não tivessem um homem para bancar sua sobrevivência. A figura feminina era vítima de preconceitos e autoridades por partes da sociedade burguesa.

O preconceito era explícito no século XIX, mulheres casadas não podiam manter laços de amizade com mulheres que não tinham um relacionamento conjugal sério, ou até mesmo com mulheres que eram dependentes de algum tipo de vício, na época a figura feminina só era vista como honesta a mulher casada e as moças de boa reputação. Como afirma Vaquinhas (2002, p.210):

“[...] deveria ser uma mulher honesta, ou antes, segundo a terminologia do tempo, uma senhora. No século XIX, espaços públicos eram essencialmente masculinos”.

Fica claro que as mulheres que se desviavam das regras e que tinham uma vida conjugal aberta, eram mal vistas perante a sociedade. No contexto social apresentado as mulheres eram vulneráveis e influenciáveis, portanto, manter contato com mulheres que não tinham uma boa reputação poderia levar às casadas a um comportamento não desejado. É explícito esse tipo de preconceito no século XIX, pois segundo autores do realismo, movimento presente em meados do século XIX em Portugal, denunciavam esse tipo de discriminação através dos romances realistas. Como está presente na obra realista de Queiroz (1998, p.16):

-Sabe quem esteve aqui de tarde? Aquela sem-vergonha da Leopoldina.[...]
-Quando penso que aquela vagabunda esteve em minha casa... Aquela mulher que tem mais amantes do que vestidos.[...]
A Luisa é um anjo, mas muito ingênua coitada! Não vê mal em nada. Deixa-se levar por essa Leopoldina, não tem coragem de pô-la para fora.

A partir dessas afirmações, percebe-se o quanto a mulher portuguesa do século XIX era discriminada, desvalorizada e injustiçada pela sociedade. Pode-se dizer que a vida da mulher no século XIX resumia-se em submissão, ao pai, ao seu marido e também a sociedade. Uma sociedade que não dava direitos e sim deveres as mulheres, pois enquanto os homens tinham direitos de decisões tanto nos assuntos familiares quanto fora de sua casa, a mulher não usufruía desses direitos, porque não tinha participação ativa na sociedade.

A mulher do século XIX em Portugal era projeto de mãe, esposa e dona de casa, como diz Laguardia (2007, p.44): “a mulher era projetada especialmente como mãe dos novos homens e guardiãs da vida privada”.

Percebe-se a maneira como a mulher era tratada, cumpria o papel de submissão ao homem, vivia a mercê das vontades masculinas. No entanto existiam alguns casos em que as mulheres tinham que trabalhar para o sustento, esse é caso das mulheres pobres, das que eram solteiras, e não tinham quem as sustentasse, no entanto, eram aquelas que também sofriam mais preconceito, pois as mulheres eram vistas como incapazes de sobreviver sem a companhia de um homem.

4 AS DUAS FACES DO AMOR PRESENTES NA PERSONAGEM LUISA EM “O PRIMO BASÍLIO”

Partimos do pressuposto de que o amor é um sentimento de carinho, que protege e cria um vínculo de aproximação entre indivíduos, que se envolvem através de sentimentos, que o amor oferece emoções que trazem alegrias, amizade, afeições, simpatia, fidelidade, respeito, desejo sexual, prazer, inveja e traição, mostrando assim, que o amor é representado por múltiplas faces e que nem sempre traz felicidade para ambas as partes, entre as quais estão envolvidas.

Pode-se dizer que o amor é uma busca do ser humano por trocas de manifestações sentimentais, pois segundo Incontri (2008, p.335): “É próprio do ser humano amar e ser amado, buscar a felicidade na troca afetiva, desejar o outro e ser desejado, procurar companhia”.

Percebe-se que o amor descrito pela autora é uma forma que o ser humano encontra de buscar e desejar o que não está ao seu alcance. Nesse sentido, Incontri (2008, p.338), afirma que:

Ao longo do discurso de Sócrates, o amor tem uma dimensão de falta, de necessidade, de insuficiência e, portanto, é a base da busca, é o desejo de ter o que não se tem. Ele é a procura pela sabedoria, é a raiz de todo o filosofar.

Dessa forma, fica claro que nessa corrente de pensamento o amor é uma tentativa de busca pelo o que se não tem. No entanto, o amor retrata diferentes faces. Com isso, alguns filósofos distinguem o amor em três faces de manifestações diferentes: A *ágape*, *Eros* e *Philia*.

Amor *Ágape* é o amor que podemos chamar de amor cristão, ou seja, o sentimento nobre aos seres humanos, aquele que não tem o interesse a vantagem ou nada em troca, isto é o amor de Deus, que chega a amar inimigos. Como afirma Incontri (2008, p.341):

O sentido do amor ágape é o de amar indistintamente a humanidade, e não apenas os que estão mais próximos, chegando à capacidade de amar seus próprios inimigos. É um amor que não procura para si nenhuma vantagem, a satisfação de nenhum desejo ou carência, e vai até o sacrifício de si, por qualquer outro ser humano.

Com base nessa perspectiva, pode-se dizer que o amor ágape é universal, ou seja, é dividido com todos os seres humanos, seguindo o cristianismo. Para Rougemont (2003, p.92): “O amor cristão é a obediência no presente. Porque amar a Deus é obedecer a Deus, que nos ordenou amarmos uns aos outros”.

Amor *Eros* é o amor que busca o preenchimento do desejo e da falta, tendo como característica a insatisfação, sempre querendo mais. De acordo com Incontri (2008, p.341):

Eros esta sempre procurando se preencher.[...] é arrebatado, compulsivo e perturbador, porque pode nos tirar do eixo da racionalidade. De qualquer forma, é um amor que sofre, que se desespera, que esta sempre carente.

Nesse sentido, o amor Eros, é um sentimento insatisfeito, apaixonado, que tem como representação um querer a mais, formando um sentimento arrebatador, possuidor de um ser a outro, muitas vezes deixando-se levar pelo desejo sexual. Com tudo o amor Eros, pode relacionar-se com o amor paixão descrito por outros autores, como afirma Rougemont (2003, p.24): “O amor paixão relata sofrimento, significando assim uma infelicidade.”

Amor *Philia* é o amor através do companheirismo, da amizade, da alegria. Quando muitas vezes a paixão acaba entre o casal e então fica o sentimento sem interesse, sem desejo e sim a vontade de estar ao lado. Como afirma Incontri (2008, p.341):

É um amor mais alegre, mais companheiro; não é amor de falta, de carência, de sofrimento.

Esse é o amor que fica, quando fica, quando a paixão acaba entre os casais embora possam se manter traços apaixonados permanentes em uma relação.”

No entanto, pode-se adicionar o amor *philia* a ideia do amor amizade, fraterno que tem como características, o companheirismo, o afeto, e a alegria. Como afirma Iarochovski:

“É o amor que não monopoliza, não escraviza, não cria dependentes. É o amor que vive a alegria de se comunicar com alguém do jeito que a pessoa é.”

A partir desses pensamentos sobre o amor, analisaremos as faces de amor presentes na personagem Luísa da obra *O primo Basílio* de Eça de Queiroz. Pois a personagem é dividida pelo amor do seu marido Jorge e o amor de seu primo Basílio, que se torna seu amante.

O Primo Basílio de Eça de Queiroz é uma obra narrada em terceira pessoa. O espaço onde acontece o enredo é uma pequena cidade lisboeta, onde as casas eram próximas e toda a vizinhança sabia o que se passava na cidade. No entanto, a história se passa praticamente na residência do casal Jorge e Luísa e no Paraíso, local onde Luísa e Basílio se encontravam.

Luísa, uma jovem senhora, preparada para a vida conjugal e para seguir os parâmetros sociais, sendo educada dentro dos princípios românticos da sociedade burguesa, conhece Jorge, depois de três anos que foi deixada pelo seu primeiro namorado, que era o seu primo Basílio. Logo no início, quando o conheceu não gostava dele, porém, depois passou a gostar de Jorge. Como mostra no início da história a maneira como Luísa passou a amar Jorge.

No começo não gostou dele, não gostava de homens barbados. Depois começou a admirar seus olhos e senti-se bem ao seu lado. Gostava de adormecer deitada sobre o seu ombro. Junto dele não tinha medo de nada [...] Depois do casamento passou a adorá-lo (QUEIROZ, 1998, p.7)

Segundo o trecho, o sentimento de Luísa por Jorge não foi de imediato, ela passou a gostar dele depois de um tempo, gradativamente foi admirando-o e passando assim a sentir por ele o desejo de estar ao lado, se sentindo protegida. Percebe-se, a partir do início do enredo, que esse amor que Luísa passa a sentir está próximo do pensamento do amor *Philia*, ou amor-amizade.

Jorge e Luísa casaram-se, e com eles residiam duas criadas, Juliana, de quem Luísa não gostava, era negra, sofria de doença cardíaca, sempre teve vontade

de ter uma vida financeira estável, tinha inveja da patroa por ser casada e ela nunca ter conseguido se casar, Luísa tinha roupas finas e ela não, enfim sempre desejava o que a patroa possuía. Joana era a outra criada da residência do casal, era uma mulher com a idade mais avançada, uma boa funcionária, não interferia nos assuntos da casa, diferente de Juliana.

Ao passar alguns anos de casados, Jorge teve que fazer uma viagem a trabalho para o sul. Com essa viagem ficaria longe de Luísa por uns tempos. No decorrer da viagem de Jorge, chega a Lisboa o primo de Luísa, que tinha sido seu primeiro namorado e então procura Luísa e começa a se aproximar e seduzi-la, fazendo-a crer que iria viver um dos romances que ela lia nos seus livros românticos. Luísa deixa-se levar pelo seu lado frágil e romântico e entrega-se completamente ao seu antigo amor. Juliana descobre as cartas de amor que Basílio mandava para a patroa e então passa a planejar como conseguiria o que sempre quis que era dinheiro para viver bem. E então passa a chantagear Luísa, ameaçando de contar tudo para Jorge quando ele voltasse de viagem. Luísa passa a encher Juliana de luxos, mas tudo era pouco para criada, pois queria ver a patroa destruída.

Jorge voltaria em poucos dias para Lisboa, para reencontrar sua esposa e seus amigos que tinha deixado na pequena cidade. Luísa via seu casamento desmoronar, e ao mesmo tempo seu romance se destruir, sentia-se culpada e arrependida, pediu ajuda a Basílio, contando que a criada tinha descoberto toda sua traição, e estava chantageando-a. Basílio, novamente deixou a protagonista e partiu. Luísa se viu sem saída e foi pedir ajuda a Sebastião que era um grande amigo da família e contou toda a sua traição, ele concordou em ajudá-la, planejou tudo e falou com Juliana, ameaçando a criada de colocá-la na prisão, Juliana morre no momento da conversa. Então a traição fica entre Luísa e Sebastião, mas Luísa não fica tranquila, com o que fez e fica arrependida.

Conforme o tempo ia passando, por medo de Jorge descobrir toda a traição, Luísa se transformava em uma mulher triste e preocupada, chegando a uma enfermidade com o sentimento de culpa por ter cometido o adultério e então chega a falecer.

No decorrer da história, acontece muitos fatos que caminham para a descoberta do amor que Luísa sentia por Jorge, seu marido e o amor que ela sentia por Basílio, seu amante. Esse amor dividido, que traz manifestações diferentes.

Luísa amava seu marido e admirava-o pela sua personalidade pela forma como era tratada por ele. Como afirma Queiroz (1998, p.7):

“Era seu marido, era novo, era forte, comparava-o com os maridos das outras e tinha orgulho dele. Jorge era meigo, ajoelhava-se a seus pés, fazia-lhe todas as vontades, cobria-a de delicadezas. Era tudo para ela.”

Segundo o autor, Luisa gostava da maneira que ele tratava ela, no entanto, esse amor que Luisa sentia por seu marido não era um amor apaixonante, cheios de desejos e de carências. Era um amor por companheirismo, de proteção e por alegria de estar perto. De acordo com Queiroz (1998, p.19):

[...] Na hora em que Jorge costumava voltar do ministério, A solidão ficava maior. Sentia falta de sua presença, do toque da campainha, dos seus passos o corredor.
Quando a noite ia chegando, sentia-se mais triste. Sentava-se ao piano e só vinham melodias tristes. Na hora de dormir, a cama parecia larga demais, vinham-lhe medos estranhos, medo de ficar viúva, de sei lá mais o quê.

Dessa forma, Luísa ficava triste com a falta que sentia da presença do marido, da proteção que ele a dava. Então se pode dizer que essa manifestação de amor que a personagem sentia pelo seu esposo era o amor *Philia*, ou também chamado de amor amizade, amor esse que é representado pela companhia, alegria e amizade, por mais que seja entre um casal. Como afirma Marcondes (2008,p.4):

“A *philia*, é portanto um sentimento recíproco, mesmo entre desiguais como .entre pai e filho, soberano e súdito, e em sua proposta de uma ética eudaimônica, ou seja, que busca a felicidade.”

Essa face de amor, apresentada na personagem, por seu marido é uma representação do amor *Philia*, ou seja, um amor por assumir responsabilidade, da falta de estar ao lado, por admiração, de “compromisso ao longo prazo”, como diz Incontri (2008, p.341), podendo assim apresentar a afirmação do amor de Luísa por Jorge. Como afirma Queiroz (1998, p.39):

[...] Luisa recebeu uma carta de Jorge. Cheia de saudade, com muitos beijos. A carta a fez lembrar-se vivamente da figura de Jorge[...].
Depois do jantar releu a carta de Jorge. Começou a lembrar, de propósito, tudo que nele a encantava, tudo que nele admirava. Mas ele estava tão longe e ela tão sozinha! Se pelo menos ele estivesse ali [...]

Dessa forma, fica explícito que o amor de Luísa por Jorge era aquele por companhia, sempre desejando estar ao lado do outro, e nunca declarações apaixonantes como no amor Eros.

Por outro lado, Luísa sentia algo diferente por Basílio, um amor apresentado pela carência, por desejo, pela busca de um preenchimento. Um desejo que a dominava, que era mais forte do que ela. Como é apresentado na obra, segundo Queiroz (1998, p.36).

Com um movimento brusco, Basílio abraçou-lhe os ombros, segurou sua cabeça e beijou-a na testa, nos olhos, nos cabelos.
Ela soltou-se, tremendo.[...]
Luísa ouvia imóvel. Aquela voz forte dominava-a, vencia-a.
[...] Ele não teve dúvidas: prendeu-a nos braços, inclinou sua cabeça para traz e beijou-a os olhos, no rosto e, depois, na boca, profundamente. Os lábios dela se abriram, seus joelhos dobraram.

Percebe-se que o sentimento de amor que Luísa sentia por Basílio, era totalmente contrário do amor que a personagem sentia por seu marido Jorge. Pois essa dominação de desejo que é afirmado na obra não é comprovado no amor *Philia*. Luísa deixa transparecer sua divisão amorosa entre a companhia de Jorge e o desejo por Basílio, isto é, divide-se entre a face do amor *Philia* e a face do amor *Eros*. Como afirma Queiroz (1998 p.24-25).

[...] Sentiu, então, uma saudade de Jorge! Queria que ele estivesse ali para poder abraçá-lo. Ele tinha tudo para fazer uma mulher orgulhosa:era bonito, meigo, fiel e tinha uma profissão interessante. Era um homem corajoso e de talento! Mas, sem querer veio novamente a lembrança do primo Basílio. Imaginava-o em Paris e pensava que devia ser uma vida mais poética.

Observa-se que nos trechos da obra são perceptíveis as diferentes maneiras de amor apresentadas na personagem Luísa. Percebe-se que o amor de Luísa por Basílio, refere-se ao amor *Eros* ou também chamado de amor-paixão, o amor *Eros* caracterizado pela insatisfação, pela carência, pela procura e pelo desejo arrebatador, uma paixão voltada para amantes. Como afirma Incontri (2008, p.341):

Eros é o amor que brota do desejo, da falta, da carência e estar por isso filiado à idéia de Platão.[...] estar em busca apaixonada pelo outro, querendo fundir-se em uma só pessoa. Esse amor que tem um caráter fortemente passional, projeta-se como um desejo de integra-se, unir-se [...]

Entende-se no decorrer das diferentes manifestações amorosas, que o amor é um sentimento que apresenta muitas faces, como base nessa ideia confirma-se que o amor apresentado pela personagem Luísa são duas correntes diferentes de sentimento.

Nesse sentido, a diferença da face de amor de Luísa por Basílio, o qual é o amante da personagem, o trecho diz respeito a reação de Luísa quando recebe uma

carta do seu amante dizendo-lhe que só desejava ela e nada mais, tendo como vista a face do amor *Eros* presente na seguinte passagem:

E Luísa suspirava, beijava aquele papel. Sentia aumentar a estima por si mesma, era como se entrasse uma existência superior, mais interessante, na qual cada hora tinha seu encanto, cada passo conduzia um êxtase, e a alma se envolvia em sensações!

[...] Ela agora tinha um amante! E imóvel, no meio do quarto, com o olhar fixo, repetia: "Tenho um amante!"

[...]No entanto, a lembrança de Jorge também não a deixava. Não a assustava nem a torturava.Mas estava sempre ali, presente. Era como se ele tivesse morrido. Ela mesma se espantava por estar tão tranqüila:[...]Não era a primeira mulher que enganava o marido. E muitas faziam apenas por vício. Ela não,foi por paixão (QUEIROZ, 1998,p. 57)!

Observa-se que a personagem trai o marido por paixão, porém, pelo sentimento de amor *Eros*, também chamado de amor-paixão, para Rougemont (2003, p.24):"[...] o amor-paixão, em nove entre dez a casos, a assumir o adultério." Ou seja, o amor-paixão, ou *Eros* é o mais responsável por adultério, como fica claro no decorrer da análise que Luísa comete adultério no seu casamento, pois sua paixão por Basílio é arrebatadora, é superior a ela e ao amor que sente por Jorge, seu esposo.

Para reafirmar, o amor *Eros*, sentimento favorável a Basílio, presente na personagem Luísa, utiliza-se outro trecho da obra que confirma esse amor. Segundo Queiroz (1998, p.58):

Estou surpresa comigo mesma, como, em tão pouco tempo, você se apossou de meu coração, mas a verdade é que eu nunca deixei de te amar. E, ao voltar a te ver, depois daquela estúpida viagem para tão longe, não pude ser superior ao sentimento que me jogava para você, meu adorado Basílio. Ontem, quando aquela maldita criada veio dizer que você vinha se despedir, quase morri. E se você tivesse pedido a minha vida, eu dava...mas por que foi aquela mentira? Tinha vontade de te dizer adeus para sempre, mas não posso, meu adorado Basílio!

É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou tua, que te pertenço de corpo e alma, parece que te amo ainda mais, se é possível...

Fica claro que o amor de Luísa por Basílio é o amor *Eros*, sentimento arrebatador, superior a tudo e a todos. Pois se deixa levar pelo sentimento de desejo, e de busca, sendo umas das principais características do amor *Eros*, ou amor paixão, diferenciando do amor sentido por Jorge, seu marido, que era um sentimento de orgulho, companheirismo, afeto e o desejo de estar ao lado dele, comprovando assim, as diferentes faces de amor, presentes na personagem Luísa.

Luísa, que apesar de se entregar a seu amante por paixão, torna-se angustiada ao perceber que amava Jorge e Basílio ao mesmo tempo, e não conseguia se decidir entre o amor amizade, que o deixava alegre e orgulhosa por

estar ao lado do seu marido, que a tratava bem e o amor paixão, ora introduzido pela carência, pela falta e pelo desejo da procura pelo que não se tem, no entanto encontrado em Basílio. Através dessa angústia, a personagem torna-se uma mulher doente, e acaba morrendo entre a dor de amar prazerosamente e a dor de amar amigavelmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Eça de Queiroz, "*O primo Basílio*", permitiu fazer uma abordagem das diferentes faces de amor presentes na sociedade e que um indivíduo pode desenvolver no decorrer de sua vida. Percebe-se no desenrolar da narrativa que a protagonista ama dois personagens, no entanto, esse amor demonstra manifestações diferentes para cada um dos personagens. A divisão do amor de Luísa por Jorge e Basílio resume em duas faces de amor.

A face do amor *Eros*, a qual ela sente por seu amante, Basílio e a face do amor *Philia*, que é sentido por seu marido, Jorge. De acordo com o enredo, comprovam-se fatos dessas diferentes manifestações amorosas. Observa-se que o amor é o fator principal da vivência dos personagens analisados no decorrer do enredo. Tendo a principal personagem Luísa, a qual é a envolvida nesse amor dividido entre os homens.

Percebe-se no decorrer da análise, que a obra *O primo Basílio*, traz uma representação da realidade vivida por muitas mulheres, porém divididas entre um amor que desejam viver, por paixão, por desejo e carência, que é encontrado no amor-paixão, que tem como representação o amor *Eros*, sentimento de prazer, arrebatador, procura pelo que não se tem, e que ao mesmo tempo se mantém ligada ao amor, pelo desejo de se estar ao lado, companhia, ser bem tratada e sentir orgulho de ter um companheiro fiel ao seu lado.

Dessa forma, a personagem Luisa apresenta-se como a representação de mulher que não consegue dominar seus instintos e deixa-se enveredar pelo caminho de transgressão das normas sociais cometendo o adultério, e como a sociedade era patriarcal quem infringisse as leis era punido, e Luisa pagou com sua própria vida por não ter condições de conviver com o peso na consciência por ter assumido uma postura reprovada na sociedade.

ABSTRACT

This article aims to analyze Luisa character of work Primo Basílio of Eça de Queiroz, considering which the feeling of the character presents different characteristics amorous throughout history. From the events revealed in the novel, we seek to discover what types of love who a subject can express for the other. Knowing the feeling of the character becomes divided, we try to unravel, analyzing and relating the different amorous manifestations found in humans, seeking, therefore, to prove the faces of love represented in the character Luisa. To reach this aim, we use as theoretical base the Rougemon (2003), Incontri (2008), Queiroz (1998) among other authors who contributed to the characterization and realization of this work. So, from these theoretical bases we observed the different types of love presented in the character in question.

Keywords: Faces of love; feeling; Luisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANDIDO, Antonio e CASTELLO. J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira:** historia e antologia das origens ao realismo. 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

IAROCHEVSKI, Ederson. Eros, filiae ágape- Expressões de amor. In: larocheski.wordpress.com.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. **Filosofia-** construindo o pensar. 1º ed. São Paulo: escala educacional, 2008.

LAGUARDIA, Adelaine. A mulher e o sonho da nação: políticas de gênero em O mentor das Brasileiras. In: **Nação e identidade:** Ensaios em literatura e critica cultural. São João Del-Rei: UFSJ, 2007.

LEDO, Teresinha de Oliveira. Manual de literatura: Literatura , São Paulo: DCL, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa.** 33º Ed, São Paulo: Cultrix, 2013.

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo, 1998.

ROUGEMONT, Denis de. **A história do amor no Ocidente**. 2ªed, São Paulo: Ediouro, 2003.

VAQUINHAS, Irene. Linhas de investigações para a história das mulheres no século XIX e XX. Breve esboço. In: Revista da faculdade de letras,2002.

ZENI, Bruno; FURLAN, Stelio. **Romantismo e Realismo a literatura portuguesa**. Curitiba : IESPE Brasil,2009.